

O AUTISMO E A GPT: UM DIÁLOGO ENTRE AS EXPERIÊNCIAS DE MONITORES DE GINÁSTICA

Geovana Bomfim

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Brasil.

geovana.bomfim@ufpr.br

Andréa Cristina Santos

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Brasil.

Andreasantos11@gmail.com

Emanuelle Vitoria Rodrigues de Souza

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Brasil.

Emanuellesouza@ufpr.br

Pedro Gabriel Nichele de Oliveira

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Brasil.

pedronichele@ufpr.br

Letícia Bartholomeu de Queiroz Lima

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Brasil.

leticia.queiroz@ufpr.br

Leticia Cristina Lima Moraes

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Brasil.

letsmoraes96@gmail.com

Resumo

O presente trabalho se debruça sobre questões relacionadas à metodologia de ensino da Ginástica para Todos (GPT) voltada a crianças pequenas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A problemática emergiu a partir da atuação de quatro monitores no projeto de extensão Ecogym: Encantando com a Ginástica, desenvolvido na Universidade Federal do Paraná (UFPR), que oferece aulas gratuitas para crianças de 3 a 6 anos, nos períodos da manhã e da tarde, com vagas garantidas para crianças com deficiência. A partir dessa vivência, surgiram questionamentos como: de que forma é possível proporcionar uma experiência enriquecedora para todas as crianças por meio da GPT? Como dar lugar e voz às crianças com TEA? Como fazer florescer o potencial humano através da ginástica? Diante desses desafios, o objetivo do estudo é compreender as experiências dos monitores, destacando suas percepções sobre as atividades desenvolvidas, identificando erros e acertos na interação com os alunos com TEA e discutindo propostas de mediação nas aulas de GPT. Ao reconhecer a identidade singular de cada criança, torna-se evidente a constituição de turmas heterogêneas, o que impõe desafios constantes à prática pedagógica. Nesse contexto, o presente trabalho emerge das iniciativas de quatro acadêmicos da UFPR em promover um ambiente acolhedor, voltado ao desenvolvimento holístico de todas as crianças. Trata-se de uma pesquisa qualitativa baseada na análise documental de planos de aula e diários de campo. As atividades foram avaliadas com base na adesão coletiva e individual das crianças. Como resultados parciais, destaca-se, na percepção de um dos monitores, a eficácia do uso de comandos visuais — como placas com imagens — associados à instrução verbal, ainda que essa estratégia não tenha obtido êxito com outros grupos, evidenciando a singularidade de cada turma. Essa

Palavras-chave:

Autismo.
Inclusão.
Diversidade
Ginástica.

perspectiva corrobora com estudo de Rossi-Andrion et al. (2021), que destacam a importância de simplificar instruções em pequenos passos, utilizando figuras e orientações claras, além de oferecer reforço positivo durante as atividades. Por outro lado, a valorização dos interesses específicos das crianças e a incorporação de elementos que captassem sua atenção nas aulas mostraram-se eficazes em todas as turmas, reforçando a importância do olhar sensível e atento do professor. Essa escuta ativa também envolve reconhecer as emoções e formas de comunicação de cada aluno, como destacam Fiorini e Manzini (2023), ao enfatizar a importância de identificar os fatores que geram frustração, alegria ou recusa à participação, respeitando o momento e os limites de cada criança. Maia, Bataglioni e Mazo (2020) salientam que cada pessoa com TEA apresenta particularidades que exigem diferentes estratégias pedagógicas, reforçando a necessidade de planejamento flexível e centrado na individualidade. Em linhas gerais, embora o embasamento teórico seja fundamental, trabalhar com crianças com TEA requer sensibilidade e atenção às particularidades de cada uma, reconhecendo que cada criança possui uma forma única de pensar, agir e aprender. Por meio da ginástica, foi possível permitir que as crianças explorassem seus corpos de maneiras diversas, sem se restringirem a padrões fixos de atividades. Em síntese, a conexão entre monitores e crianças, o reconhecimento mútuo e o olhar cuidadoso são essenciais para a construção de uma experiência significativa, em que a teoria caminha junto às singularidades da prática pedagógica.

Referências

FIORINI, M. L. S.; MANZINI, E. J. Dificuldades e Sucessos de Professores de Educação Física em Relação à Inclusão Escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 22, n. 1, p. 49–64, jan. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382216000100005>

MAIA, J.; BATAGLIONI, G.; MAZO, J. Alunos com transtorno do espectro autista na escola regular: relatos de professores de educação física. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, v. 21, n. 1, 2020. DOI: <https://doi.org/10.36311/2674-8681.2020.v21n1.02.p15>

ROSSI-ANDRION, P.; SANTOS, S. H.; MUNSTER, M. A.; COSTA, M. P. R. Transtorno do espectro autista e educação física escolar: revisão sistemática de literatura. **Revista da Associação Brasileira de Atividade Motora Adaptada**, v. 22, n. 1, p. 175–194, 2021. DOI: <https://doi.org/10.36311/2674-8681.2021.v22n1.p175-194>